

Dualismo, metades assimétricas e lógica paradoxal na mitologia Ramkokamekra

*Rose Panet*¹

Resumo

Este artigo trata da presença e da expressão do dualismo social e espacial na mitologia Ramkokamekra. Dois mitos são analisados, o primeiro com várias versões sensivelmente diferentes e recolhido por antropólogos diferentes e o segundo mais curto, recolhido por mim durante minha última estadia na aldeia Escalvado. Mostro que o primeiro mito é caracterizado pelo princípio de classificação fundado sobre a oposição dos contrários e o segundo marcado pela solução e explicação mitológica diante de uma questão na hierarquia social. Ambos repercutem fortemente no contexto social revelando a relação paradoxal entre partes assimétricas e a solução encontrada na mitologia para fundamentar e caracterizar a ordem e o equilíbrio do mundo. Explorando as características dos personagens de um dos mitos e associando-às as qualidades femininas e masculinas procuro compreender também a paradoxal harmonia entre os sexos. Em alguns pontos da análise mitológica me servi dos instrumentos utilizados pelo estruturalismo, procurando sempre contextualizar a sociedade onde vivem os mitos e onde foram produzidos.

1 - Introdução

O povo Ramkokamekra e todos os outros povos de organização social dualista define-se e organiza-se no interior da sociedade de acordo com o partido ou metade a que fazem parte. Este dualismo é essencialmente de natureza cerimonial e esportiva e existe independentemente das estruturas de parentesco. As metades são concebidas de maneira agonística, marcadas ao mesmo tempo pela rivalidade e pela reciprocidade. O diferencial deste dualismo, segundo Simone Dreyfus na análise geral do dualismo Jê, é a idéia de tratar-se de uma verdadeira instituição, marcando solidamente estas sociedades e sendo capaz de

perdurar sejam quais forem as mudanças introduzidas pela história (Dreyfus 1963). Realmente, um dos atributos que caracteriza as sociedades Jê, e mais concretamente, as sociedades Timbira é a presença dos grupos de metades não fundados com base, nem a partir das relações de parentesco e que assumem o papel de educadores, articuladores políticos, econômicos e religiosos. Assim, encontramos na sociedade Ramkokamekra classes de idade e grupos de cooperação masculina. De acordo com Nimuendaju (citado por Crépeau, 1994), o dualismo Timbira se exprime até nas nomeclaturas dos animais, sendo estes classificados como fazendo parte de uma ou de outra metade.

Este dualismo se exprime ainda na mitologia, e é caracterizado pelo princípio de classificação fundado sobre a oposição dos contrários. Na mitologia Timbira esta característica revela a relação paradoxal entre partes assimétricas e a busca do equilíbrio. No presente trabalho, pretendo mostrar como, num nível cosmológico (que repercute no contexto social), a sociedade Ramkokamekra fundamenta a ordem, o equilíbrio do mundo, e a organização espacial. Em outras palavras, pretendo através da mitologia Timbira e precisamente Ramkokamekra, ilustrar como este povo recria a ordem social e a estrutura espacial. Limitarei-me a analisar dois mitos. Começarei analisando o mito de Sol e Lua, iniciando com a versão colhida por Curt Nimuendaju entre o Apinayé. Em seguida me interessarei pela versão de Roberto Da Matta, seguida de um pedaço do mito contado por Maria Isaura Pereira de Queiroz. Para terminar, passarei para a versão Ramkokamekra recolhida por William Crocker. Este mito (Sol e Lua) é muito longo. Serão apresentadas aqui as versões resumidas. Ainda que carregado levemente de maldade, a estória não é desprovida de humor e explica, entre outras coisas, a fundação (ou criação) das aldeias circulares que caracterizam os povos de língua e de cultura Timbira. Apresentarei em seguida o mito do Rakwôj (se lê rakwôro), ou berubu, do português regional. O mito de Sol e Lua, sendo mais longo e mais recheado de elementos simbólicos, será analisado mais profundamente, tendo ainda em vista as diferentes versões. A análise do segundo mito será mais breve.

Contraopondo os dois, veremos que na mitologia Timbira, especificamente na aldeia Ramkokamekra onde duas das narrações foram recolhidas (a última versão do mito de Sol e Lua recolhida por Crocker e a única versão do mito do Rakwôj recolhida por mim) a preocupação com o equilíbrio e a harmonia do mundo é constante. Pois, se no mito de Sol e Lua há um desequilíbrio latente no que concerne as características dos dois personagens, e a associação de valores observados como positivos ou negativos que lhes são atribuídos, no

mito do Rakwôj um evento aleatório explica porque apenas uma metade ou grupo (associado à Lua), tem particularmente mais poder político que o grupo associado ao Sol. Estes mitos permitem, entre outras coisas, ilustrar a concepção da cosmologia Ramkokamekra ameaçada, entre outras, pela influência dos missionários destruidores de ídolos.

Apesar das modificações observadas, a essência da narração subsiste e é transmitida até os dias de hoje. Por precaução metodológica encontrei no estruturalismo instrumentos conceituais que me orientaram em alguns pontos deste trabalho.

2 – Pùt e Putwrè

Os Ramkokamekra como todos os outros Timbira possuem uma rica mitologia que conta a epopéia de guerreiros, corpos celestes e narrações onde a Lua e o Sol são vistos como heróis que juntos criam a ordem do mundo. O mito de Lua e Sol é rico em informações etnográficas, e como outros mitos é veículo de uma mensagem que tem por função legitimar a ordem social existente. O espaço evocado pelo primeiro mito destaca ainda um mundo real e objetivo que justifica a compreensão da organização social da comunidade.

Trata-se de duas entidades celestes que um dia decidem descer sobre a terra. Para Nimuendaju, este mito figura como o mais importante dos mitos Timbira. De acordo com ele, os primeiros capítulos do mito não têm teor religioso, enquanto que os últimos, que evocam a criação do homem, a criação da primeira aldeia, a separação de Lua e Sol e o seu adeus à superfície da Terra, constituem a base da religião e da ordem social dos Timbira.

2.1 - Mito de Lua e Sol

Sol (Pùt) e Lua (Putwrè) decidem um dia descer sobre a terra. Sol desce em primeiro. Lua engana-se de lugar e reencontra o seu amigo apenas no dia seguinte. Sol já havia construído uma casa que divide em duas partes para viver com Lua. No centro da casa deixa um espaço para dançar. Um dia, após um incêndio na floresta, os dois amigos decidem recolher os animais mortos no incêndio. Depois de abrirem a barriga dos animais Lua e Sol descobrem que eles são muito gordos e, por conseguinte muito bons para comer. Mas quando Lua abre os seus animais Sol grita: "magros, magros" e os animais de Lua ficam muito magros. Lua vai queixar-se de Sol que se zanga. Sol decide então ferir seu amigo. Ele pega um pouco de gordura quente e joga em cima da barriga de Lua. A gordura quente queima Lua que começa a chorar correndo ao mesmo tempo em direção do brejo. Chegando ao brejo Sol grita: "Seca, seca!" e a água do brejo desaparece imediatamente. Lua pega um pouco de areia ainda úmida e coloca sobre sua queimadura. Pouco mais tarde Lua vê uma tartaruga. Sol grita: "água volta!" e imediatamente a água do brejo volta. Lua permanece no mesmo lugar e é mordida pela tartaruga. Lua reclama da maldade do seu amigo Sol que se desculpa dizendo que não é sua culpa e que não fez propositadamente. Dias depois e passadas outras aventuras, Sol e Lua seguem para trabalhar na roça. Sol sai na frente e Lua vai atrás. Na roça começam a plantar cabaças, (ou troncos de palmeira) [Mauritia flexuosa sp.]. No dia seguinte pela manhã Sol sai novamente na frente. Lua, que

dorme ainda, acorda atrasado e corre ao encontro de Sol. Ambos com suas cabaças (ou troncos de palmeira) na mão jogam-nas na água, de duas a duas. Estes pares de cabaça, ao encontrar a superfície, transformam-se em pessoas, homens e mulheres. Os que saem da água, sentam-se à beira do brejo. Sol só faz pessoas bonitas enquanto que Lua faz pessoas muito feias, doentes, cegas, ou pessoas com malformações. Depois de terem feito muita gente, Sol e Lua decidem criar uma aldeia para seus filhos. Escolhem um lugar elevado para fundar a aldeia. Fazem um círculo que Sol divide em duas partes no sentido leste-oeste. Após ter feito isto, diz: "Os meus filhos vão viver ao norte". "Os meus vão viver ao Sul", diz Lua. Estas duas partes devem casar-se entre si. É por isso que a sociedade e o espaço da aldeia é estruturado em duas metades.

(Nimuendaju, Os Apinayé 1983: p. 120-124)

Eis outra versão do mito "Lua e Sol" contado por Roberto Da Matta, colhido por ele durante sua pesquisa de campo entre os Apinayé. Esta versão é seguida de um pedaço do mito contado por Maria Isaura P. de Queiroz.

Companheiros de aventura, Lua e do Sol decidem, um dia, descer sobre a Terra para criar todas as coisas. Sol faz todos os animais que o homem precisa para comer, ou seja, todos os animais que são caçados pelo homem. Lua cria as onças, as serpentes venenosas e as vespas. Sol tem pena da criação do seu amigo Lua dizendo que, futuramente estes animais (as onças, as serpentes venenosas e as vespas) vão matar os seus filhos. Lua responde que é assim mesmo que as coisas devem ser, pois se não existir animais como as onças e as serpentes venenosas, os homens nunca irão voltar as suas aldeias.

(Da Matta, 1976, p.240)

Um dia Lua e Sol decidem separar-se e separar também tudo o que possuem. Assim, o Sol escolhe o dia e deixa a noite para a Lua. Lua insiste para ficar com o dia, mas Sol diz que não cabe a ele decidir. Assim, todas as coisas da natureza são compartilhadas entre si. A metade KA' é associada ao dia e a todas as coisas claras. Atu' k é ligada à noite e a todas as coisas escuras e sombrias.

(Queiroz, Maria Isaura P., 1970 p. 107)

Aqui está uma outra versão recolhida por W. Crocker durante uma de suas estadias entre os Ramkokamekra:

Sol (Püt) criou os Canela fazendo-os emergir da água de um brejo do cerrado. Do brejo saiu uma longa fila de indivíduos Canela. Sol instaura em seguida um estilo de vida inteligente e ideal onde o trabalho não é sinônimo de esforço: facões e machados agem por eles mesmos, abatendo as árvores, cortando os matos, e limpando o solo das roças. Lua (Putwrè) alterou este mundo ideal pela sua inaptidão e sua estupidez semeando a morte, provocando inundações, incêndios nas matas e criando o trabalho: por causa da Lua, os homens são obrigados a trabalhar, servindo-se de facões e machados para preparar o solo das roças para as plantações. Devido à intervenção de Lua, as pequenas árvores frutíferas tornam-se altas, de modo que os seus frutos fiquem mais difíceis a serem colhidos. Lua também criou características físicas individuais em que as primeiras eram aceitáveis, mas as seguintes eram menos prestigiadas. Sol decide subir ao céu, levando Lua com ele, porque fica envergonhado com as cenas de incesto e de briga acontecendo entre seus filhos. Sol deseja distância entre ele e a parte má da natureza Canela, originada pelas intervenções de Lua.

(William Crocker, 1971, p. 100)

3 - Comentários

Na primeira versão, colhida por Nimuendaju, a decisão de descer sobre a terra é dos dois amigos: Sol e Lua. No entanto Sol desce primeiro e já constrói uma casa que ele divide em duas metades para viver com Lua, o centro é reservado para dançar. Esta divisão representa as metades Leste e Oeste da aldeia (nascer e pôr do sol), e o centro da casa é uma analogia ao pátio da aldeia, palco da vida social e cerimonial. Depois de um incêndio na floresta os dois vão colher os animais cozidos pelo fogo para se alimentarem. Observa-se, aqui, a primeira série de categoria empírica utilizada pelo estruturalismo para extrair noções abstratas e propor interpretações: o cru e o cozido, que evocam o paradigma natureza-cultura.

O fogo como elemento transformador já aparece no mito cumprindo sua função, transformando os animais crus em animais cozidos, bons para comer. Quando Lua vai degustar sua refeição Sol grita: magros! E os animais de Lua ficam magros. Quando Lua, com a barriga queimada pela gordura do animal, corre ao brejo para aliviar sua queimadura Sol grita: seco! E o brejo seca. Trata-se de mais dois pares de oposições: o magro e gordo; o seco e o molhado. Este último mais significativo, no que tange a associação com os personagens da estória. O seco associando-se à Sol se opõe ao molhado representado pela Lua. A oposição das estações seca e chuvosa, no calendário Ramkokamekra articula-se, respectivamente, a dupla gordo-magro. Isto é, durante a estação chuvosa, a aldeia fica triste, não há festa nem comida suficiente, a plantação está "engordando", e é consumida na estação seca.

Prosseguindo, Lua e Sol criam as pessoas a partir de um elemento da natureza (as cabaças) que são lançadas na água. As cabaças são lançadas por pares para dar origem a casais (homens e mulheres). Das cabaças de Sol jogadas na água saem humanos perfeitos, já das cabaças de Lua, os humanos saem com imperfeições. A presença das cabaças como elemento da criação não é sem razão. Para Lévi Strauss, a cabaça, enquanto recipiente de água e de alimento é um utensílio de cozinha profana, pois é um recipiente destinado a receber produtos naturais e por isto mesmo apropriado para ilustrar a inclusão da natureza dentro da cultura (Levi-Strauss, 1967). Este mito concebe a cabaça, elemento da natureza como origem da cultura, ou seja, os humanos que delas nascem, já estão pré-dispostos a se organizarem em sociedade.

É interessante observar ainda a presença da água como elemento de criação. Este elemento comporta vários significados. Para o Krahô, banhar-se na água do rio representa o fim do luto. A água ajuda a proteger os vivos da influência dos mortos (Carneiro da Cunha, 1973, p. 22). Assim, as duas entidades, Lua e Sol, são designadas como criadores das pessoas, os inventores dos humanos.

Após o “nascimento”, as pessoas organizam-se, de acordo com quem as deu origem como sendo, sejam filhos de Lua, sejam filhos de Sol. Sol faz apenas pessoas bonitas, enquanto que os filhos de Lua são feios, cegos e doentes. Aprofundando a perspectiva, supõe-se que é Lua a responsável pela existência da morte. Contudo a morte explica-se pela necessidade de substituição de uma geração por outra. Lua é, por conseguinte importante, pois regula o equilíbrio entre o homem e a natureza destacando a ingenuidade do seu amigo Sol. A estória continua assim, Sol estabelece um objetivo inicial e Lua cria a sua antítese. (Da Matta, 1976 p. 240-241). Este sistema dualista que opõe Lua à Sol ou qualidades como seco e úmido, Leste e Oeste, de acordo com o Dicionário Mythologies (Bonney 1999), frequentemente é integrado aos mitos Lunares.

No mito, Lua e Sol são entidades, e a partir de suas características morais os indivíduos que criam agrupam-se quer de um lado, quer de outro. Após ter dividido o círculo da aldeia em dois, é Sol o primeiro a escolher o lugar onde vão viver os seus filhos. Sol escolhe o Norte e Lua escolhe o Sul. A escolha destes pontos cardeais não é por acaso, pois estas direções (norte, Sul) associam-se respectivamente às direções Leste e Oeste, associados respectivamente ao Sol e à Lua. Leste-Oeste é o sentido do eixo que divide simbolicamente a aldeia em dois e que corresponde respectivamente ao nascer e ao pôr do sol.

Verifica-se também neste mito outro aspecto importante: a fundação do espaço da aldeia como espaço consagrado a partir da qual o grupo tira a sua identidade cultural. O espaço criado pelo mito está próximo do espaço percebido pelos indivíduos que o utilizam. Este espaço, evocado pelo mito destaca um mundo real e objetivo que facilita a compreensão da organização socio-espacial das comunidades ao qual este mito pertence, ou seja, todas às sociedades Timbira.

É assim que se formam as duas metades da sociedade Ramkokamekra, simbolicamente, por critérios de identificação. Na aldeia, a população adulta casada é dividida em metades dualistas, e a sociedade é organizada em dois grupos: os Harankateyjé e o Keykateyjé. Cada um destes grupos é unido a elementos ou qualidades dos quais o outro grupo ou metade é a antítese. Lua e Sol estão cada um de um lado. (Chiara, n.d.9 páginas). Assim:

Lua – Sol

Harankateyjé – Keykateyjé

Pôr do sol - Nascer do sol

Estação das chuvas - Estação seca

Molhado - Seco

Magro - Gordo

Frio – Calor

Oeste – Leste

Morte - Vida

Noite – Dia

Preto- Vermelho

Mulher – Homem

De acordo com as perspectivas de análise estrutural, a ambivalência de Sol e Lua, enquanto personagens mitológicos está associada à função mediadora desses personagens. Essa idéia de função mediadora do sistema simbólico sugere sempre numerosas interpretações, sob tonalidades às vezes diferentes do formalismo lógico das oposições binárias (Piette, 1992). Um grupo de pessoas se associa a cada personagem. Para Durkheim e Mauss, “a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens e a hierarquia lógica é apenas um outro aspecto da hierarquia social (Durkheim e Mauss citados por Béreaud 1987 pp.404-405).

No que concerne este mito, percebe-se que nas quatro versões não é difícil ver que Lua e Sol estão no centro de um dualismo binário de oposição bem marcada e que, apesar da relação turbulenta, um não pode existir sem o outro. Apesar de desiguais, Lua e Sol recriam o equilíbrio do mundo. Na versão recolhida por Da Matta, Sol cria os animais bons para comer, (que Da Matta define com o termo “animais culturais”). Lua cria os animais perigosos (como as serpentes) e outros animais que estão em competição com o homem (como as onças que também comem a caça dos homens). É assim que Lua destaca a separação entre cultura e natureza, sublinhando desta forma que há uma interação dialética entre os dois personagens, pois a natureza é criada na medida que a cultura também é criada. Lua também explica e justifica a separação dos animais que têm medo dos homens e os que não têm medo utilizando, segundo Da Matta, o argumento do canibalismo. De acordo com Lua, se os animais culturais não tivessem medo do homem e fossem todos caçados facilmente, o homem não teria mais nada a comer, sendo “condenado” a comer a carne de seu semelhante (Da

Matta, 1976 p.240-241). Da Matta parece querer sugerir aqui uma explicação mitológica para o canibalismo, o que me parece absurdo por não haver, de acordo com meus conhecimentos, nenhum registro de antropofagia entre os Timbira.

Apesar dos exemplos acima, não pretendo me limitar a uma perspectiva antitética entre Lua e Sol, o que revelaria uma fragilidade e superficialidade da problemática. Lua e Sol não se opõem concretamente numa espécie de maniqueísmo irreduzível. A Lua também possui um poder, é ela que marca a passagem do tempo e que divide o mês em quinzena clara e quinzena sombria. Assim, a importância do Sol não ofusca o valor da Lua, pois nesta história de dualismo, é Lua quem cria e torna possível a antítese de todas as coisas. Tais características assemelham-se ao dualismo Bororo, que é fundado de acordo com uma dialética que concebe toda coisa como sendo constituída ao mesmo tempo de si própria e de sua antítese (Crèpeau, 1994, p. 59).

Acontece que, mesmo se os contrários co-existam, não há igualdade ou equilíbrio nos valores associados a cada uma das partes. Sendo assim, não se trata de oposições simétricas visto os valores que lhes são associados. Percebe-se então que não há equilíbrio nesta divisão, porque o dia tem muito mais valor para os Ramkokamekra do que a noite. É durante o dia que a maioria das atividades úteis são realizadas: a caça, o trabalho na roça e grande parte das festas. Algumas danças e cantos (freqüentemente de natureza não cerimonial) são realizados durante a noite. Outro exemplo de desigualdade de associação de valores existe com a estação seca e a estação úmida. Esta última é monótona e triste, enquanto que a estação seca é muito mais alegre.

Ora, estes casais de opostos são considerados na distribuição dos elementos do mundo dentro dos parâmetros sociais, isto quer dizer que na sociedade, estes elementos ou qualidades se associam aos grupos ou metades que organizam e divide os indivíduos. Estes conjuntos de oposições são constitutivos da sociedade e do universo e a projeção desta construção é visível na organização social Ramkokamekra. Assim, se considerarmos os valores que são associados a um e a outro (Lua e Sol) veremos que a metade ou grupo associado à Lua é desprivilegiado, pois o mito declara explicitamente a supremacia do Sol. Sol é mais esperto, mais inteligente, mais sábio.

Na versão recolhida por Crocker é Sol quem, cria sozinho, igualmente a partir da água, o povo Canela, bem como um mundo ideal que é desconstruído por Lua. Esta versão é muito rica em interpretações e nela aparece um elemento novo: o trabalho. Inicialmente, na narração o trabalho não é sinônimo de esforços porque os instrumentos trabalham por eles mesmos, sem o empenho dos homens. Lua, como nas outras versões, opõe-se à Sol criando

uma antítese. Lua altera assim este mundo ideal. Cria a morte e o trabalho dos homens. É também a Lua que cria dificuldades para colher os frutos das árvores frutíferas, e ainda “ela” quem revela o outro lado da natureza humana, ou seja, a maldade, a atração pelo incesto e todas as outras qualidades abomináveis no homem. Por causa dos erros de Lua, Sol decide voltar ao céu, levando Lua com ele.

4 – Mitologia e gestão do caos

Nesta altura do trabalho, duas questões se inserem para guiar o meu pensamento, a primeira é: **Se no mito predomina a desigualdade e o desequilíbrio dos valores associados aos personagens, como é que no plano concreto a sociedade encontra o equilíbrio para viver em harmonia?** Ora, no contexto social Lua e Sol e todas as qualidades que lhes são associadas são complementares, evidenciando uma relação de troca. Os contrários amalgamam-se, misturam-se. O homem e a mulher não existem independentemente um do outro, a vida não existe sem a morte, nem o dia sem a noite, e todos os pares de oposições são inscritos no espaço social. No entanto, apesar da oposição entre valores desiguais, há uma solidariedade destes dois princípios rivais compartilhados entre os membros da aldeia. A segunda questão vai de encontro com a primeira: **Existe equilíbrio na sociedade Ramkokamekra ?**

Começando pela segunda questão, no que concerne a atribuição de valores e poderes aos gêneros masculino e feminino, constata-se facilmente uma desigualdade. Na sociedade Ramkokamekra não ha lugar político para as mulheres. Estas não tem poder de decisão. A elas nada é perguntado sobre os destinos da sociedade. Confinadas ao espaço periférico da aldeia que corresponde aos núcleos residênciais, as mulheres se abstém da esfera política representado pelo pátio da aldeia. Esta hierarquia sexual é um exemplo de desigualdade no que concerne o acesso à cultura. Algumas informações não lhes são nem ao menos reveladas. Até mesmo os mitos, apesar do conhecidos por outros meios, por algumas delas, não lhes são diretamente transmitidos. Os conhecimentos xamânicos e mitológico também fazem parte exclusiva do universo masculino, sendo transmitidos apenas aos homens e pelos homens. O grupo ou metade a que pertencem as mulheres é subordinado ao grupo dos maridos. Em outras palavras, o grupo da mulher é determinado a partir o grupo do marido. Se o marido for Harankatejê a mulher será Keykatejê, se o marido for Keykatejê a mulher sera Harankatejê, em uma espécie de exogamia falaciosa.

Nas corridas de tora as mulheres torcem contra seus maridos, configurando uma discreta oposição. Assim, elas se opõem aos homens como Lua se opõe à Sol, não cabendo a elas qualquer escolha. Sob o prisma da organização espacial, o espaço público, político, jurídico, masculino e muitas vezes cerimonial se opõe ao espaço privado, doméstico e feminino. Essas diferenças marcadas sexualmente são irremediáveis, pois sempre existirá um sexo forte e um sexo fraco, um sexo quente e um sexo frio, caracterizando uma linguagem ideológica em categorias dualistas. Esta linguagem dualista é segundo Françoise Héritier, um dos constituintes elementares de todo sistema de representações, ou seja, de toda uma ideologia percebida como a tradução de relações de força (Héritier 1997).

Voltando ao registro mitológico, no imaginário comum, Lua e Sol são associados muito frequentemente aos sexos femininos e masculinos, respectivamente. Estes dois “personagens” são muitas vezes fontes de exemplos nas demonstrações de Françoise Héritier para opor masculino e feminino. No entanto, no mito Timbira Lua e Sol representam duas entidades masculinas, que dividem uma mesma identidade sexual. Representam cada um, um pólo não equilibrado, mas pelo contrário, bem hierarquizado. Já foi visto que em vários episódios do mito, Sol é mais inteligente, mais esperto, melhor e superior à Lua. Contudo, Lua se questiona sobre tudo e faz com frequência boas perguntas. A idéia de equilíbrio também é comentada por Françoise Héritier (no âmbito das suas análises entre masculino e feminino). De acordo com ela, “a noção de equilíbrio é uma noção abstrata que, fora de uma concepção matemática pura, não encontra expressão na natureza perceptível da experiência concreta” (Héritier, 1997).

No que diz respeito à relação entre homens e mulheres, ou ainda no mito, entre Lua e Sol, que tento analisar, a subordinação e o desequilíbrio de um vis-à-vis do outro, são muito nítidas. Basta observar as qualidades associadas a cada um dos personagens. Na versão de Nimuendaju Sol legitima o seu poder pela força e pela violência. Na narração Sol faz muita maldade contra seu amigo Lua. Engana-o, fere-o, sempre se desculpando no final depois que constata o sofrimento de Lua. Atitude que o coloca em posição superior à Lua. Na cosmologia Ramkokamekra, o Sol é o principal elemento de identificação social, identificado muitas vezes ao criador. Ao Sol, se atribui, a idéia primeiro de descer sobre a terra. É igualmente ele o primeiro a levantar-se e iniciar as ações que são seguidas por Lua. Na versão de Crocker Sol é sábio e sensato e ao contrário da versão colhida por Nimuendaju, Sol sofre as consequências dos erros de seu amigo Lua. Lua envergonha Sol criando todas as mazelas do mundo. Para poupar seus filhos das atrocidades espalhadas por Lua, Sol o carrega consigo.

Voltando à função de mediadores desses personagens mitológicos, já foi assinalado por Marcel Mauss que ‘a classificação das coisas reproduz a classificação dos homens’, e neste sentido, a primeira classificação da hierarquia social toma sempre por pretexto a diferença sexual. Começando pela fisiologia: o simbolismo da Lua associa-se à fisiologia e a sexualidade feminina. Logo, remetendo-se ao mito, não é preciso uma observação aprofundada para se perceber que a sociedade Ramkokamekra é marcada por uma dominação masculina. Se articularmos as características de Lua ao sexo feminino, percebemos que há uma nítida relação com as características atribuídas às mulheres na sociedade ramkokamekra.

Uma breve comparação dos valores ou características consideradas como naturais e inerentes aos dois sexos constata que um discurso negativo apresenta as mulheres como criaturas geniosas, vingativas, ciumentas, fofoqueiras, histéricas, mentirosas e sexualmente fáceis. Enquanto que aos homens são atribuídos os adjetivos fortes, inteligentes e equilibrados, sendo os únicos com capacidades políticas. Conheço alguns casos de vingança e ciúmes atribuídos às mulheres, todos de conhecimento geral. O primeiro é a morte de Januário Tep hot: Conta-se que chegando tarde da noite em casa, depois de uma festa, o Tepjarkwa, Tep Hot encontrou sua mulher deitada no jirau. Foi abraçar-lhe e ela respondeu com um "coice". Tep Hot caiu em cima das pedras do fogo e quebrou o pescoço. Morreu na hora. Contam que ele estava namorando outra mulher e foi vítima do ciúme de sua esposa que morreu de remorsos três meses depois, segundo informações. Não conheço os nomes do segundo caso de vingança. É a história de mais um crime passional. Uma mulher mata seu marido adúltero e enterra o cadáver. Depois reclama seu desaparecimento. A aldeia inteira atribui-lhe a morte e o desaparecimento do corpo do seu próprio marido. Um terceiro caso aconteceu durante minha última estadia na aldeia Escalvado. Duas mulheres, cujos nomes me abstenho de revelar aqui, brigaram por causa do genro de uma delas que mantém um caso amoroso com a filha da outra. As duas possuem roça no mesmo setor e, lá mesmo na roça, a mãe da filha traída foi tomar satisfações com a mãe da amante de seu genro agredindo-a com um grosso pedaço de pau. Resultado: oito pontos na cabeça e promessa de vingança por parte da vítima. Os maridos tentam acalmar as mulheres e negociar uma indenização. Outro caso notório é o de Maria Castela Kee-Khwei considerada o pivô do movimento messiânico de 1963 que provocou a morte de muitas pessoas e a transferência provisória de todo o povo Ramkokamekra para a Floresta da Sardinha. Conta-se que Kee-Khwei incitou o roubo de gado dos fazendeiros da região, o que provocou a cólera destes últimos (ver Crocker 1976).

Dando continuidade à questão, percebo que, sem comentar a primeira pergunta a segunda fica incompleta. Já mostrei que no plano das relações entre gêneros, a mulher é

associada à Lua e o homem ao Sol, não havendo equilíbrio no que concerne às qualidades que lhes são atribuídas nem tão pouco à divisão do poder, sobretudo político. A sociedade é marcada pela dominação masculina, é fato. E de maneira global, se faço uma apologia ao que é proposto pelo mito, o grupo associado ao Sol, ou seja, o Keykatejê teria conseqüentemente mais prestígio social e político. Este grupo se identifica com o Leste ou nascer do Sol, com a estação seca, com o dia, com a vida, com a cor vermelha e com o sexo masculino. Se por outro lado considera-se que, apesar da desigualdade, há um equilíbrio dialético entre os personagens, ambas as partes ou partidos, no contexto social concreto, teriam os mesmos direitos e poder político equivalente. No entanto, quem decide os destinos da aldeia é o grupo Harankatejê, curiosamente associado à Lua, ao oeste, a estação de chuvas, à noite, a cor preta e ao sexo feminino. Bom, uma coisa é o mundo dos mitos outra é o mundo social, mas a existência dos mitos de Lua e Sol e do mito do Rakwôj na mesma aldeia é no mínimo curiosa. Aqui está uma versão do mito do Rakwôj que ajudará a compreender o que eu pretendo entender, recolhida por mim em 28 de março de 2005 e narrada por Raimundinho Patxêde ou Pyat.

4.1 - Mito do Rakwôj

Há muito tempo atrás, fizeram um berubu. Comer desse berubu só era permitido a um grupo, de um dos lados. Mas o outro grupo também queria. Ai, partiram o berubu ao meio. Ficou uma metade para cada grupo. Depois de um tempo as pessoas de um dos grupos começaram a inchar e a adoecer. Era o grupo de cima, o Keykateyê. Para o grupo de baixo, o Harankatejê, não houve conseqüências. Aí o Harankatejê tomou de conta. E é por isso que os velhos desse grupo são os *prodiklam*. Só eles tem direito de comer do berubu no pátio enquanto que os Keykatejê não podem.

Este mito fala de uma hierarquia política destinada a um determinado grupo, o Harankatejê, depois de uma prova alimentar. Tudo começa com um berubu, alimento típico dos povos de língua e cultura Timbira, que no mito é destinado para apenas um grupo. O outro grupo insiste em comê-lo. Na narração não se sabe quem é quem, ou seja, para qual dos grupos este berubu foi destinado, nem qual grupo insistiu em comê-lo. Os dois grupos comem do berubu. Só que os indivíduos do Keykatejê adoecem, enquanto que com os indivíduos do Harankatejê não acontece nada. E é assim até hoje. Comer do berubu no pátio é um direito exclusivo do Harankatejê. E não apenas isto, aos indivíduos deste grupo também é reservado o título de *prodiklam*, ou autoridades da aldeia.

5 – Considerações Finais

Os dois mitos que apresentei aqui são realmente vividos na sociedade Ramkokamekra. Ou seja, os grupos Keykatejê e Harankatejê se associam respectivamente à Sol e Lua, à cor vermelha e à cor preta, ao dia e à noite, etc. E efetivamente, no que diz respeito ao segundo mito, a autoridade maior da aldeia é reservada ao Harakatejê. Com os dois mitos na balança teríamos um equilíbrio e uma equivalência na estrutura mitico-social, como se o mito do Rakwôj legitimasse o poder do grupo associado à Lua e lhe devolvesse a dignidade. Estes mitos traduzem nitidamente a relação de forças vivida pela sociedade e funcionam como um sistema explicativo coerente encontrado pela sociedade para justificar suas escolhas. Sem este sistema de representação a sociedade afundaria em uma espécie de caos, pois as desigualdades não existem apenas entre os gêneros. Há exploração de homens sobre homens, mulheres sobre mulheres. Existem os privilegiados e os que não tem muita sorte, os feios e os bonitos, os ricos e os pobres.

Para um desavisado, é uma armadilha pensar que a forma redondinha da aldeia reflete inteiramente a sociedade. Uma sociedade solidária, perfeita e equalitária através da qual tudo circularia, as informações, os homens, o fogo e os nomes tal qual uma mesa redonda sem cabeceira e de onde o pôr do sol é visto por todos exatamente da mesma maneira.

Abstract

This paper deals with to the presence and the expression of the social and space dualism in Ramkokamekra mythology. Two myths are analyzed, the first one with significantly vary different versions and collected by different anthropologists and as the shortest one, collected for me during mine finish stay in the Escalvado village. I show that the first myth is characterized by the beginning of classification established on the opposition of the contrary and as marked by the solution and mythological explanation ahead of a question in the social hierarchy. Both re-echo strong in the social context disclosing to the paradoxical relation between anti-symmetrical parts and the solution found in mythology to base and to characterize the order and the balance of the world. Exploring the characteristics of the personages of one of myths and associating it the feminine and masculine qualities I look for to also understand the paradoxical harmony between the sexes. In some points of it always analyses servile mythological me of the instruments used for the

structuralism, looking for to contextualisar the society where the myths live and where they had been produced

Notas

¹ Antropóloga, doutoranda da École Pratique de Hautes Études (EPEH-Sorbonne) – Paris

² Certa vez, perguntei a uma mulher Ramkokamekra o que era e o que significava a mancha presente na Lua. Ela me respondeu: “E não é da queimadura de graxa que o Sol jogou!?”

³ De quelques formes primitives de classification, in Œuvres de M. Mauss 1968-1969)

⁴ Béreaud, 1987

⁵ Trata-se de um alimento feito com massa de mandioca, macaxeira ou milho, recheado de pedaços de carne ou feijão. Depois de amassado e enrolado em folhas de bananeira braba é cozido sob e sobre pedras incandescentes cobertas por terra e tudo mais que possa servir para abafar e guardar o calor para um cozimento uniforme. Tem a forma de um disco achatado e redondo

REFERÊNCIAS

BEREAUD, Jacqueline – Sociologie de la connaissance et psychanalyse: autour du concept de représentation – in Cahier Internationaux de Sociologie – Vol LXXXIII - 1987

BONNEFOY, Yves; org. Dictionnaire des Mythologies Vol II, Flammarion Paris

CARNEIRO da CUNHA, Manuela. Os Mortos e os Outros - Uma Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Krahô - Ed. Hucitec - São Paulo, 1978

_____ Logique du Mythe et de l'action - Le mouvement messianique Canela de 1963 - L' Homme XIII n. 1 1973

CHIARA, Vilma - Les Krahô: une enclave dans une société d'éleveurs, n.d 9 pages

CROCKER, William The Canela (Eastern Timbira. An Ethnographic Introduction) Washington - Smithsonian Institution Press 1990

CROCKER, William H., O movimento messiânico dos Canelas: uma introdução in: SCHADEN, Egon, Leituras de Etnologia Brasileira, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976 (p.515-527).

CREPEAU, Robert R. Les Kaingang dans le Contexte des études Gé et Bororo, 1994

DA MATTA, Roberto. Um Mundo Dividido - a estrutura social dos índios Apinayé Petrópolis, Vozes, 1976.

DREYFUS Simone - Les Kayapó du Nord Etat du Pará - Brésil - Contribution à l'étude des Indiens Gé - Mouton & CO 1963 - École Pratique des Hautes Etudes, Paris

HÉRITIER, Françoise - Masculin/Féminin. La Pensée de la différence, Bulletin de la Société française de Philosophie, 25-01-1997

LEVI-STRAUSS, Claude - Les structures élémentaires de la parenté, Mouton, 1967

Anthropologie structurale PLON, 1958 et 1974

Mythologiques Le Cru et le Cuit Paris - PLON, 1964

NIMUENDAJU, Curt and LOWIE, Robert H. The Dual Organization of the Ramkokamekra
(Canella) of North Brazil in *American Anthropologist* october-december, 1937

Os Apinayé, Edição do Museu Goeldi, Belém, 1983.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, Organização Social e Mitologia entre os Timbira do
Leste N.A Revista do Instituto de Estudos Brasileiros - São Paulo, 1970